

Hilda

Lucas

Adão

Foi minha mãe quem insistiu nesse meu nome. Adão. Ela dizia que eu ia começar tudo de novo, o mundo todo, que esse era meu destino. Não quero jamais desrespeitar minha mãe, mas acho que ela era meio brôca. Adão, Sansão e Napoleão — os homens. Consolação e Conceição — as mulheres. *Quero chamar meus meninos e fazer um ão ão ão danado, um marzão de esperança invadindo esse sertão.* Coitada da mãe. Ninguém ficou por lá. Viramos maré vazante. Fomos tudo embora.

Fico aqui deitado, esperando quem vai cantar primeiro. Se o galo depenado do português, sirene da polícia ou tiro. O ventilador faz renc-renc e parece que vai despencar em cima de mim. O lençol encardido mal cobre o colchão. Às vezes acho que seria bom ter uma mulherzinha pra dar um jeito nessa casa. Passar um café, fazer um denço. Pronto! Hoje foi o galo.

Levanto. Nu. Só durmo nu. Roupa pra mim só minhas tatuagens. Abro a janela. Quem me olha de fora, vê um morenã parrudo marrento quie-

Hilda Lucas nasceu em Ilhéus. É autora de *Memórias Líquidas* e, com outras mulheres, de *Coisas de mãe para filha*. Pela editora Laranja Original, lança, em 2023, a coletânea de textos *A casa dentro de mim*. É aluna da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz.

tão que não sorri nem dá bom-dia. No meio do meu peito, uma caveira com uma faca fincada no topo, esta sim, sorri dizendo: *não sou sua mãe*. Ninguém vê minhas costas, onde asas abertas invocam a proteção do Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador.

Sou Adão dos Santos, tenho 33 anos, a tal idade de Cristo. Cismo que vou morrer com essa idade, mas não queria. Moro na Cidade de Deus. Aqui a esperança é a primeira que morre. Pra desgosto de minha mãe, eu não mudei o mundo, o mundo me mudou.

O sonho

O sonho pipocou na sua cabeça, justo ali, com ele espremido dentro do ônibus que mais parecia uma fornalha, no meio daquele engarrafamento infernal na Linha Amarela. Sonho abusado. Só de lembrar suava frio.

Levou a mão às costas, alisou a tatuagem, certificando-se de que estava tudo bem. O sonho começou daquele jeito: ele sente uma coceira nas costas, uma coceira que vira comichão, que vira uma dor lancinante. Ele toca a tatuagem e sente as asas se descolando da pele, tomando forma, querendo ser; sente as penas macias, mas firmes; percorre com os dedos o relevo da intrincada teia formada pela cartilagem; espanta-se ao ver os músculos se distenderem até dar às asas uma envergadura colossal. Vai até o espelho do armário. Estava igual àquele santo Arcanjo que a mãe tinha em casa. Só que nu. Exercita as asas. Elas mal cabem dentro do quarto. Vai até a laje da casa, o dia ainda vai raiar. Ele, ali parado, sente um vento frio arrear a penugem na ponta das asas. Um bando de andorinhas vindas lá do sertão — ele sabia que eram de lá, por artes de sonhos, passa cortando o céu e ele se atira sem medo porque entende que virou pássaro. Sai voando sobre os telhados as antenas os fios de alta tensão. Vê o movimento da cidade, escuta o falatório indiscriminado das pessoas as buzinas as sirenes os bate-estacas das obras. Voa nu, imenso, deixando no asfalto a sombra de uma ave majestosa. Dá um voo rasante sobre a casa de Jenifer e sente o pau duro como a espada do anjo guerreiro. Pousa no topo da cruz da igreja. Aboleta-se feito um urubu, um batman. Fecha os olhos para aproveitar o momento de êxtase e quando abre vê que está nu no meio do culto e que toda a congregação ri dele e lhe grita insultos, inclusive Jenifer, que gargalha debochada apontando

o membro murcho. Do alto do púlpito o pastor vocifera e aponta-lhe a porta da rua: “Xô, Adão!”.

Dormiu águia, acordou cão sarnento. Foi assim que começou o dia: sentindo-se enxotado do mundo, tal qual um outro Adão, certa feita.

No trajeto para o trabalho sacolejava a alma encolhida. Os olhos de-sassossegados grudados no vidro sondavam a nudez da cidade. Pensou atormentado enquanto coçava as costas: *Sonho besta da porra...*

A foto

Era uma foto desbotada, cheia de vincos e manchas. A única que ele tinha da mãe e dos irmãos. Todos eles pequenos com olhos imensos e tristes de rês. O sol parecia grudar cada um contra o muro caiado da casa. Uma escada de meninos de alpercatas, roupa engomada, joelhos ralados, barrigas lombriguentas.

Do menor para o maior, lá estavam Ceição, Napoleão, Sansão, Consolação e ele, junto da mãe, vestido de beato. Túnica feita de aniagem, corda em volta da cintura e terço de conta de olho de boi pendurado no pescoço. Os cabelos longos, jamais cortados, escorriam feito cortinas murchas.

Foi beato até os oito anos. Promessa da mãe para que ele não morresse, porque nasceu prematuro feio e pequeno feito filho de rato.

Naquelas bandas, as pessoas tinham reverência pelos meninos beatos e pelas meninas santinhas. Eles representavam um sinal da boa vontade de Deus.

– Tu vingou por pacto com o Todo-Poderoso, Adão. Tu é milagre, meu filho.

Que milagre que nada, Adão queria ser goleiro, queria era subir no ca-jueiro sem o enrosco daquele camisolão, montar burro brabo, tomar banho no açude. Não queria a devoção do povo, a olhar pra ele com admiração, queria a algazarra dos meninos, falar ousadias, pensar saliências e andar sem camisa, peito aberto. Nu.

Sanha santa

Ele ainda era recém-chegado naquelas bandas, mas logo começou a frequentar o culto aos domingos. Não era igreja com santo, mas era casa de Deus. Ia todo asseado, engomado, brioso.

Certo dia, o pastor apontou para ele, e do alto do púlpito, bramiu:

– O Senhor precisa lhe falar, meu filho.

Adão não podia imaginar o que Deus podia querer com ele. Pobre, casca grossa, sem amigos, sem graça. *Eu, hein?*

O pastor chegou cheio de abraços e sorrisos. Um imenso e lustroso dente de ouro no meio da boca hipnotizou Adão. Meu filho pra cá, meu querido pra lá, você é um eleito, um homem de sorte, tudo muito simples, tem minha bênção. E Adão ali, esperando Deus falar, só ouvindo o lero-lero do pastor. E o pastor a dizer que falava em nome de Deus e Adão a achar que Deus deveria ser mais claro e o pastor a dizer que Deus escreve certo por linhas tortas e Adão a pensar lá vem merda... E o pastor chegando cada vez mais perto e Adão sem conseguir se esquivar dos perdigotos. E o pastor falando no ouvido de Adão que ele era como uma visão, um santo guerreiro e Adão sentindo a língua do pastor tocando a ponta da sua orelha imaginando o dente de ouro luzindo no escuro daquele segredo. E o pastor a dizer que não cai uma folha de uma árvore que não seja pela vontade de Deus e que aquela era a vontade de Deus, e a mão do pastor a conduzir a mão de Adão pro meio das suas pernas e Adão a achar que Deus tinha de ter mais o que querer do que ele pegar no pau dos outros. E o pastor a arfar feito um capeta e Adão a sentir a gosma quente na mão enquanto o outro grunhia.

O pastor se recompôs imediatamente. O homem de Deus.

Adão tremia por dentro. Catou o imenso crucifixo de madeira da parede e fez menção de bater no pastor com a cruz.

– Contra mim, nada podes fazer, Satanás, nem tu nem tuas legiões de demônios! – vociferou o pastor.

Diante de tanta autoridade e tão poderosa invocação, onde Satã era ele, Adão – petrificado, se encolheu – o pequeno diabo.

Vitorioso, o pastor sorria. No oco da boca brilhava o dente de ouro.

Nunca mais Adão foi ao culto.

Passados dois meses, o Pastor Abdias foi encontrado morto num aterro sanitário. Havia sangrado até morrer. O membro cortado estava dentro de uma caixa de sapatos.

Adão sentiu um quase júbilo em fazer justiça. Não era vingança, era justiça. Era a vontade de Deus. Sim, não cai nem uma folha de uma árvore que não seja pela vontade de Deus e era sua sina: ajudar Deus.

Seria a mão do Senhor quantas vezes Ele o pedisse. Seria sua espada sua navalha seu fuzil. Só ele e Deus. No silêncio, no quieto. Sem espalhafato de polícia, escarcéu de bandido, nem legião de demônio. Tudo no segredo. Só ele e Deus.

Tudo nó

— A vida da gente já tá toda nó dado.

A mãe de Adão falava isso o tempo todo, assim como quem constata o sol no meio do céu ou um piolho na cabeça dum filho.

— E não pense que é nó de moça, não. É nó cego atrás de nó cego. Nó de destino. E destino é que nem cangalha e cruz: a gente carrega enquanto aguenta, enquanto vive.

E Adão pensava que a mãe tinha começado a variar no dia que o pai fugiu. Antes disso ele até lembrava de uma certa alegria desbotada fugidia sem jeito para se encostar nos cantos. Mesmo assim, alegria. Ele quase não lembrava mais, mas não esquecia também.

O pai era muito orgulhoso de ter sido artista de cinema. Foi figurante do filme *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*. Viu Antônio das Mortes lutar contra Corisco. Morreu em praça pública aos pés de Odete Lara. Ganhou de Glauber um relógio folheado a ouro, que vendeu para comprar uma máquina fotográfica e virou o lambe-lambe da cidade. Quando o filme foi exibido em Milagres, tentaram, em vão, reconhecer o pai no meio da multidão de outros figurantes — quase todos os habitantes daquele fim de mundo.

— Aff! Esse povo é todo igual! Parece gado. Não dá pra ver você, não!
— resmungou a mãe.

Mas, não importava. O pai sabia que era parte daquela coisa mágica que agora luzia numa tela improvisada de cinema. Ele estava ali dentro daquele filme, assim como sua alma, para sempre capturada.

Adão e os irmãos cresceram ouvindo maravilhas sobre aqueles dias. O vento e a poeira sopraram e apagaram rostos, lembranças, rasgaram o cartaz do filme que ficava na prefeitura. O pai não aguentou o opaco da vida que se seguiu. Foi embora. Restou a foto de lambe-lambe tirada por ele antes de ir. Ele, a mãe e os irmãos.

Hoje Adão não sabe nada de Cinema Novo, nem se Glauber era um cantor ou um tio que morreu. Mas ficou imenso e luminoso como um script, um neon inapagável dentro da sua cabeça, o título poderoso: *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*. Hoje ele entende o nó dado de tudo. Os nós do destino de que a mãe tanto falava. A roupa de beato que ele usou quando era menino. A imagem de São Jorge no altar da igreja que era como um troço vivo — santo, armadura, cavalo branco, lança, dragão, fogo. O pastor a lhe dizer que ele se parecia com o Arcanjo Miguel, o anjo que é o soldado do Senhor. A tatuagem de asas nas suas costas. A mania de Batman. Queria ser Batman e São Jorge ao mesmo tempo. Tudo se encaixava. Tudo nó bem dado. Hoje ele sabe o nó que é: Santo Guerreiro e Cavaleiro das Trevas, disfarçado de vigia em Copacabana.

O fogo do dragão e o do inferno ardem dentro de Adão. Às vezes nos olhos, às vezes na barriga, outras no sexo, mas a maior parte do tempo é dentro do peito mesmo. Ele marcou o lugar do fogo com a ponta de um punhal em brasa. Mais tarde tatuou ali uma caveira. Caveira que sorri, debochada, para suas vítimas, que nem o Coringa.

Tudo nó.

Pedras no caminho

O salário era de faxineiro, mas o serviço era de vigia. Um segurança sem arma nem uniforme. O corpanzil maciço era sua maior credencial.

Adão postava-se monolítico e sisudo à porta do prédio. Gostava de pensar que era um poste ou um jatobá que havia por ali. Trocava raríssimas palavras ao longo do dia. Às vezes nenhuma.

O entra-e-sai de pessoas não lhe interessava.

Aos bons-dias e boas-tardes reagia com um balançar de cabeça que mais parecia um animal se sacudindo para espantar o estorvo de uma mosca. Às perguntas mais complexas respondia monossilabicamente, com sei, não; vi, não; então...

Se ela não se parecesse tanto com Jenifer, ele não teria reparado. Mas ela tinha aquele cabelo louro cor de manga, todo cacheado, e andava com o jeito empinado mascarando chiclete de cereja igualzinho à Jenifer.

Pela fresta do olho viu a moça subir as escadas do prédio, batendo a plataforma das sandálias com força contra os degraus, fazendo a minissaia franzir, subir e agarrar com força na bunda dura e farta. *Afff! Quanta perna!*

Meia hora depois foi sacolejado por um empurrão. Era ela, a falsa Jenifer. A moça tinha olhos escondidos por trás das lentes espelhadas dos óculos, e com uma boca vermelha toda sapecada de batom, falou:

— Guarda esse bagulho pra mim, *mermão*. Venho buscar mais tarde. Que horas tu larga essa parada aqui? — e enfiou um embrulhinho no bolso da calça de Adão, tocando seu pau. *Ah..., safadinha, sacana.*

— Sete horas — Adão conseguiu responder.

— Te espero no quiosque do Posto 2. Não vai dar mancada comigo, vai?

— Vou, não.

— Vai, não, o quê?

— Dar mancada.

— E vê se não mexe nesse troço aí, senão vai ficar ruim pra você.

A moça sumiu no meio da multidão de Copacabana e Adão ficou ali, sentindo o bolso pegando fogo, pulsando, coçando. *Êta, porra! Que merda é essa? Melhor jogar esse troço no lixo.*

Foi ao banheiro e abriu o pacote. Lá estava Adão, sentado no vaso de um sanitário fedorento com um monte de pedra de vidro na mão. Olhou intrigado quando um facho de luz caiu sobre as pedras e ele entendeu que eram diamantes. Cada brilhantão enorme. Uns bitiones do tamanho de uns caroços de milho. Fechou o embrulho, apavorado. Uma pedrinha rolou para trás da privada. Adão se abaixou, se

espremeu contra a parede, tateou o chão imundo, mas não conseguiu resgatar o diamante.

Saiu do trabalho e vagou pelo calçadão feito zumbi. Não percebeu que caminhou em direção ao Posto 2. A voz da quase Jenifer arrancou Adão do atordoamento.

— Valeu, *mermão*. A gente toma uma cerveja, você me passa o bagulho e aí cada um toma seu rumo.

Pediram duas cervejas, beberam em silêncio, Adão entregou o pacote à moça, se levantaram sem dizer palavra alguma e se afastaram.

Adão mal conseguiu dormir aquela noite. O sono só veio quando ele cansou de contar os *renc-rencs* do ventilador.

A vida é um pote de chiclete mastigado

Foi amor à primeira vista.

Quando Jenifer apareceu toda loura e brilhosa no meio daquela gente opaca e escura, Adão enlouqueceu. A visão ondulante coberta de lamê e tintura platinada inundou sua cabeça modorrenta e maciça. A boca carnuda resplandecia e rescendia a cereja: mistura implacável do gloss cherry blossom e do inseparável chiclete de cereja bubbaloo. Tudo era *ão*: bundão, peitão, coxão e, só pra contrariar, um narizinho invocado, batatudinho, que mais parecia um focinho de porco-da-índia.

Logo atrás dela entrou Jamil Boca de Lata, o traficante daquelas bandas. Seu dono.

Jenifer nunca sequer olhou para Adão. Pelo menos ele nunca viu aqueles olhos pestanudos gulosos pousarem sobre os seus. Mas Adão, convertido súdito refém, passou a devorar Jenifer, fervorosamente, com seus olhinhos de fresta, de bote, de fome.

De tanto seguir a loura, descobriu uma mania: antes de entrar nos lugares, ela descartava o chiclete que tinha na boca, mas em vez de cuspi-lo no chão, grudava-o na parede ou no batente da porta que atravessava. Adão recolhia, sorrateira e sofregamente, a bolota borrachuda que, com devoção extática, levava à boca para ruminar com júbilo e tesão. Comungado. Reparado por não existir. Ressarcido pelos beijos e gozos que nunca teria.

Os bubbaloos deformados ressecados e desbotados transformavam-se imediatamente em verdadeiros talismãs. Adão já tinha um pote cheio daqueles chicletes remastigados à exaustão, guardados como relíquia aos pés de São Jorge. Oferendas de guerreiro para guerreiro.

Naquela tarde, ele estava ali, parado no serviço, pensando que há mais de uma semana não achava um chiclete de Jenifer quando foi retirado do devaneio com um safanão.

Era Darlene, a quase-Jenifer, que falava sem parar, muito agitada, muito nervosa, se sacudindo toda em cima daquela sandália de plataforma vermelha, e ele só ouvia umas palavras soltas, *você aprontou comigo, tá faltando uma, seu escroto...* Mas ela falava falava falava e ele só prestava atenção no cheiro do chiclete de cereja que saía daquela boca também cor de cereja, e as palavras lá longe, soando esquisitas. *parada complicada, mermão!* E ele, mesmerizado pelo movimento da boca de Darlene, que ora deixava entrever uma ponta do chiclete cor-de-rosa, ora era a língua que parecia um bubbaloo de cereja cheio de saliva cheirosa. E o palavrório jorrava *tomei porrada por sua causa, perdi um dente, porra...* E Adão atordoado sentindo o corpo acordar latejar, e impregnado daquele cheiro só pensava uma coisa: *Caraca! Eu preciso comer essa mulher!* Mas não comeu. Tomou tenência. Marcou um encontro e não foi. *Eu, hein? Mulher estorvada, parece um cansaço.*

Mapa da mina

Acordava e não tinha para onde ir. Por isso que ele não gostava dos domingos. Dava uma gastura no peito, um desconcerto. Ficava encolhido quieto mudo como um não nascido. Era tanta solidão que ele tinha medo de esquecer o nome das coisas e das pessoas.

Sentado à mesa, mexia distraído nas migalhas de pão espalhadas sobre o tampo. Aos poucos, começou a juntar um montinho aqui, outro ali, e foi desenhando sobre o vermelho desbotado da fórmica o mapa de sua infância. Casa roçado galinheiro escola praça. Mãe irmãos professora padre galinha jegue vaquinha umbuzeiro — tudo migalha de pão. O pé de serra por detrás do cerrado, e até a linha do trem que o mato comeu. Foi gostando do que aparecia, a geografia de sua alma. Tacou no canto alto uma bolacha Maria para fazer as vezes do sol, e com a ponta da faca

nomeou o lugar: Milagres. Satisfeito, Adão foi entalhando outras palavras e com elas formando uma moldura em volta do mapa da cidade: mainha sereno saudade arcanjo menina broa chuvisco. Tudo cabendo, tudo contendo. No tampo da mesa, um caminho inteiro, e a casa dentro dele.

Lá fora, o domingo corria preguiçoso, impassível. Igual a todos. Adão abriu a janela e não sentiu medo ou aporrinhção nenhuma. Olhou o céu. Achou o dia até bonito. Quase riu.

Dar nome às coisas é mesmo uma alegria.

O princípio é o caos

— E o pai, volta logo?

— Nem amanhã, nem depois, nem no dia de São Nunca!

Nunca era o tempo impossível, das coisas sumidouras, das pessoas idas embora, do que não era de se ver, ter ou conhecer jamais. Adão cresceu contando nuncas. Tinha uma lista enorme das coisas que nunca... Nunca isso, nunca aquilo. Com o tempo, alguns nuncas — os mais bestas, caíram por terra, mas outros novos sempre surgiam. Quando saiu de casa, jurou que nunca voltaria. Quanta valentia! Hoje, ele sabe, só resiste à Cidade de Deus porque o sertão não saiu de dentro dele.

O sertão é o sempre.

Existe o sempre, o nunca e o que acontece no meio, que é tudo sem-graceza brevidade demora passagem pasmaceira ponteiro parado hora escorrendo torneira pingando lenga-lenga renc-renc pegue-pague rala-rala.

De vez em quando, o extraordinário sucede, como o voo de uma arara ou um gol de bicicleta. E aquilo é uma alegria fugidia e limpa feito estrela cadente. Instante. De vez em pouco, Jenifer passa na frente da sua porta e ele entende o que é eternidade: o tempo que ela leva para dar seis míseros passos antes de dobrar a esquina e sumir.

Jenifer é o nunca.

Às vezes, do nada, salta dentro da cabeça feito estouro de boiada, uma lembrança, que fica pendurada na parede atrás dos olhos como um

cartaz de cinema. Chamariz. Faz um tempo que a imagem de um lambe-lambe na feira de São Januário, ora brumosa ora luminescente, insiste cutuca e assombra a pouca paz de Adão. Pensa no dia de São Nunca, no pai sumindo na lembrança, e espanta o pensamento como quem afugenta uma mosca varejeira. *Não existe mais lambe-lambe nesse mundo. Nem lambe-lambe nem pai. Tudo sumiço, tudo poeira.*

A memória é o tempo aprisionado na cabeça da gente.

Naquela tarde modorrenta, quando só o pensamento de Adão se mexia, o absurdo aconteceu. Boca de Lata bateu à porta e foi logo entrando com dois capangas e falando cheio de manha e autoridade. *Aí, mer-mão, tô sabendo que tu anda desovando uns desgraçados no lixão pra alegria dos urubus. Tuas paradas não são da minha conta. Mas quero que tu faça um serviço pra mim, tudo no mistério no sigilo.* Adão tentou falar que não era matador de aluguel, mas Boca não ouvia, só falava. *Meus mano aqui não querem fazer porque conhecem a pessoa, então sobrou pra você. Na moral, tô confiando, é papo reto, entendeu?* Os jegues nunca balançam a cabeça como fazem os burros, eles no máximo sacodem as orelhas. Adão não se moveu, nenhum músculo buliu, nem sequer abanou a orelha porque não era jegue, mas Boca não ligou, não pôs reparo no imexível daquela cara, deu o acordo por feito e selou: *É pra tu dar um fim na minha mina, Jenifer,* e saiu deixando um rastro de devastação.

Boca de Lata é o caos.

Quando a noite fala

O escuro era povoado. Parecia existir mais coisa vivente na escuridão do que quando clareava e a vista podia nomear tudo. Adão nunca teve medo de escuro. Era tudo maior e estranhamente mais nítido. Não mais claro. Mais nítido de ouvir de sentir de entender. Adão era fascinado pelas criaturas que habitavam a noite, dando corpo e voz à escuridão. Intuíva-se semelhante. (Ainda não conhecia Batman, que o esperava no futuro, confirmando sina e pressentimentos.)

Na casa dos pais, só havia luz elétrica até as oito da noite. Depois era candeeiro fifó vela brasa de cigarro breu. Então, juritis morcegos grilos corujas mariposas besouros cururus vaga-lumes louva-a-deus saíam e

iam se esparramando em volta sob a rede das estrelas, numa ordem espantosa maior que o mundo. E a casa ali, humana frágil tão entregue, era invadida por zumbidos pios lampejos farfalhar de asas.

Para Adão, aquela era a hora mais bonita da Criação. *Foi nessa hora que Deus descansou e sonhou, depois de tanto inventar mundo.*

Dentro de casa, noite instalada, a conversa era escassa. Quando o pai ainda morava lá, ligava um radinho de pilha que chiava mais do que tocava. Havia sempre um certo frenesi: aguardar o humor do rádio e saber se dali sairia música notícia ou estridências metálicas que perturbavam os bichos e o sossego. Aquele radinho era bom, mas era ruim e desorganizava o remansoso.

Já a mãe, quando o cansaço não vencida e o rádio estava quieto, contava histórias. Gostava de falar sobre a vida dos seus santos de devoção, sobre romarias e sobre quando Lampião chegou à Bahia. Até hoje Adão põe o cangaceiro no mesmo panteão de Padre Cícero, Arcanjo Miguel e Irmã Dulce. As histórias em si, o santo, o milagre não importavam. O melhor era ouvir a voz da mãe naquela escuridão tão linda. A voz linda e clara da mãe tudo alumando e nomeando, feito o firmamento dentro de casa. Lá fora a Via Láctea e ali dentro a voz da mãe luzindo, como ainda hoje, no céu da memória.

Às vezes as irmãs pediam *mainha conte uma história mais de criança, que não seja de santo*. E a mãe contava contos bem horripilantes como o da Moura Torta, do Negrinho do Pastoreio e outros sobre madrastas pavorosas ou meninas louras em fuga. Os irmãos preferiam as mulas sem cabeça e as caiporas, mas aquela gente toda ficava gravitando indistintamente entre o som e o sono, antes de virar sonho e depois memória. Tudo palavra alada. Voz de mãe.

As noites de verão na Zona Oeste carioca não são escuras como as do sertão, mas são muito mais quentes e latejam como abscessos. Existe um burburinho constante tão denso compacto espesso que a noite parece um imenso corpo que se pode cortar ferir sangrar. Carne. A noite na Cidade de Deus pulsa, é carne viva.

Deitado no chão da laje, Adão olha o céu do Rio de Janeiro. Se não fosse a poluição e a iluminação da cidade, ele veria mais estrelas. Mas o que via já era bonito, acalmava. O céu é também um pedaço do sempre. No entanto, ali não existe silêncio. Nem o zum-zum dos bichos das coisas

se mexendo no quieto no invisível. Avião sirene falatório funk-pancadão bala motoboy. Impossível ouvir passarinho, a não ser o galo do português que canta toda manhã. O resto é só ruído barulho zoadá. Silêncio só dentro da sua cabeça. E era ali dentro que ele procurava a saída.

Desde que estivera com Boca de Lata não emitira um som uma palavra nada. Dentro da escuridão de seus olhos fechados buscava a voz da mãe. Há muito não a encontrava. Aquele céu coalhado de palavras luminosas vinha se apagando aos poucos. A voz da mãe era um fio entrecortado uma fantasmagoria um sopro. E as palavras soltas já não aconteciam no ouvido só na memória, e a memória agora era como um céu embaçado... *E a Virgem salvou o Negrinho, ou teria sido Lampião? E quem espetou o alfinete na cabeça da pombinha, a Moura Torta ou o Saci? Irmã Dulce era o anjo bom da Bahia, sabia?, o caçador livrou Chapeuzinho de ser devorada, e Padre Cícero só atende romeiro de coração sincero, nessa vida é tudo nó dado, o caminho reto é de Deus os atalhos do Diabo... Glorioso Arcanjo, guerreiro valente, afugenta as ciladas do inimigo, derrota todas as forças malignas... Filho, tá escrito aqui ó: pisotearás o leão forte e a serpente mais vil.* E a voz da mãe lá num fundinho da cabeça, falando de justiça justiça justiça. E haja espada arcanjo santo guerreiro dragão derrotado virgem pisando víbora príncipe valente feitiço quebrado caçador destemido lobo morto. E a voz da mãe piscando leve feito vaga-lume *sangue de Cristo tem poder*, e o Bem vencendo sempre como se fosse história do Batman.

Adão não era besta. Sabia que ali na Cidade de Deus era o Diabo quem mandava e que ele não era nem São Jorge, nem Bruce Wayne. *Eu sou somente eu. Um jegue teimoso com uma tatuagem de asa nas costas.*

E as irmãs cantando em coro: ...a estrada é longa o caminho é deserto e o lobo mau está aqui por perto.

Abriu os olhos. *Coitada de Jenifer!*

Imediatamente veio à cabeça a figura triste de um jegue com a marca escorrida no lombo. *Aquela meia-lua escura que todo jeguinho traz foi arte do xixi do Menino Jesus!*

Adão abanou a cabeça. Solidário. Solitário. Tatuado igual. Jumento igual. *Coitada da gente!*

Lugar de honra

A noite ainda estava pregada no céu igualzinha às sombras na alma de Adão. Uma agonia de bicho comia seu peito às dentadas. Levantou-se num pulo e no instante seguinte já estava nas ruas esburacadas e fedorentas do bairro. Tinha urgência de aurora. De ver o sol raiando. Não queria apenas perceber o céu clarear. Queria ver algum raio de sol furar a madrugada, rasgar o véu da noite, cortar a carne dessa barriga imensa que engole o dia e depois cospe a manhãzinha.

Vestindo penumbras e gorro confundido com a escuridão, subiu as escadas de um dos sobrados do conjunto habitacional da Gardênia até chegar ao topo, junto com as antenas de televisão, alguns varais e um para-raios. Escalou uma caixa d'água e teve certeza de que era o ponto mais alto daquele fim de mundo. Empoleirou-se ali à espera do sol. Meio urubu meio Batman meio gárgula. Totalmente macambúzio desvalido trágico. Envolto em sombras, à beira do abismo. Esperava o sol em perfeita rendição. E no silêncio, a voz da mãe... *Por que as mariposas morrem em volta do candeeiro? É alegria de encontrar luz depois de tanto pelejar no breu...*

O sol veio cirúrgico pontual e justo. Foi-se derramando sobre o mundo acordando tudo: ele galo o povo todo. Adão chegou na beirada do muro e teve certeza de que se pulasse se espatifaria lá embaixo feito um saco de farinha. Teve preguiça de morrer. A mesma que ele tinha de viver. Mas, mesmo assim, decidiu que voltaria para Milagres, que não ia matar ninguém pro Boca de Lata, muito menos Jenifer, mas que teria que ir embora dali. *Já vou é tarde*, e achou que pela primeira vez em muitos anos sentia uma nesga de alegria. Começou a descer as escadas ligeiro quase saltitante cabrito solto. Queria ir dali pra rodoviária comprar passagem. Deixaria tudo pra trás: Darlene Jenifer serviço colchão mesa tocaia.

Adão percorria um longo corredor com dezenas de portas de apartamentos. O pensamento voava alegre na frente. Sumiria só com a foto da família a imagem do Arcanjo e o pote de chicletes. Foi só pensar nos bubaloos de cereja que, como num passe de mágica, um deles se materializou no batente de uma das portas. Congelou estátua sangue estancado no coração. Jenifer estava ali. A porta entreaberta quase convite quase armadilha puxava Adão que vai entrando bem devagar silencioso

quase sumido. *Será o Cão me tentando pra matar Jenifer?* E Adão vai acostumando os ouvidos e depois os olhos e o que vê é Jenifer na cama com Edinho da Babilônia, o traficante da facção rival, um negão espetacular cheio de dreadlocks, corrente de ouro e uma dentadura alva perfeita de artista de novela, que matava o Boca de inveja. Adão ficou ali, invisível tudo vendo. Jenifer nua gostosa peitos feito melões, coxas poderosas, uma bunda dura que engolia a cara o pau tudo de Edinho e Jenifer gemia e Edinho grunhia e virava Jenifer de frente de costas e as costas e a bunda daquele negão eram bonitas de ver e os dois suando gritando se beijando se chupando e não parando nunca e Adão ali de pau duro ouvindo Jenifer gozar mil vezes e se sentindo parte daquilo porque aquilo era o mais perto que ele jamais ficaria dela. Exausto e exangue como os dois amantes, Adão deixou o apartamento e saiu dali trôpego aturdido, a cabeça inundada pelas imagens do corpo de Jenifer, o sexo ainda latejando.

Deus gosta de embaralhar os planos da gente, se diverte com isso. Era o que a mãe dizia, sempre que acontecia algum revés.

Adão ficou rondando o prédio tentando organizar a cabeça. Boca Jenifer rodoviária Edinho da Babilônia jegue mariposa Milagres. Sentiu um cansaço imenso. Mais que tudo, mais que morrer mais que ter Jenifer, queria ir embora.

Viu quando Jenifer deixou o local toda apressadinha. Esperou mais um pouco e quando Edinho saiu chegou junto e disse:

— Aí, vou te passar a visão: o Boca de Lata tá armando uma parada pra cima de tu e da mina. Ela tá marcada, e tu é o próximo. Melhor se adiantar, tá ligado? Não vacila...

— Quem é você, maluco? Que merda é essa? Deixa de caô, porra! Por que eu vou confiar em tu, mermão?

— Tu confia se quiser. Eu vim pro teu bem. Eu não sou ninguém.

Naquela mesma manhã Adão comprou passagem para Jequié, de lá seguiria até Milagres. O ônibus sairia naquela noite, mas para Adão a viagem já havia começado.

Em casa pôs a pouca roupa numa sacola, junto com o São Miguel a foto de lambe-lambe e o pote de chicletes. Achou um alívio não ter ninguém nem uma alma sequer para se despedir. Deixou o dinheiro do

aluguel num envelope por baixo da porta da casa do proprietário, que era vizinho. Não se deu ao trabalho de avisar que nunca mais iria aparecer no emprego. Não sentia saudade de nada, não tinha pena de deixar nada para trás. Estava tão ido embora que foi para rodoviária seis horas antes do horário do ônibus sair.

Não soube que sua casa foi invadida pelos homens de Boca para cobrar dele a morte de Jenifer. Jamais tomou conhecimento da carnificina que aconteceu naquela madrugada por causa da briga de quadrilhas por disputas de tráfico. Nunca veio a saber que Jamil Boca de Lata foi morto pelo bando vitorioso e que o novo chefão da Cidade de Deus era Edinho da Babilônia e que Jenifer era agora conhecida como Jenifer Lopez da Babilônia, e estava cada vez mais loura, mais gostosa, mais platinada e morava numa casa cor-de-rosa que tinha cheiro de chiclete de cereja. Sequer supôs que por ter sumido do trabalho escapou da surra que os manos da Darlene esperavam para lhe dar por causa daquele diamante. E, acima de tudo, Adão nunca imaginaria que na casa de Edinho, num altar cheio de neon, flores de plástico, velas, figuras de Umbanda, São Jorge e Nossa Senhora de Fátima, existe uma imagem para aquele que o traficante chama de seu Anjo Guerreiro da Guarda: *Aquele que me abriu os caminhos, me salvou a vida e ainda teve a humildade de dizer que não era ninguém.*

Casa

Para onde? Foi a pergunta da fulana no guichê da rodoviária. E ele respondeu bestamente: *Pra casa.*

O ônibus se afastava como um foguete prateado levando Adão para outro planeta. De volta para seu norte. Sonolento, deixava a paisagem da cidade ir descolando da sua retina como casca seca de árvore. Não queria mais saber de sol que se esconde dentro de mar. Queria o sol que gruda no céu e só se põe na marra no berro sangrando vermelho. Não queria mais os códigos daquela terra inóspita entulhada de gente barulho desespero. Preferia picada de escorpião veneno de cobra açude seco morte por facão que por bala perdida. Quando o ônibus saiu de Minas Gerais e cruzou a Serra do Marçal, Adão sabia que estava em casa. Reconhecia a solidão das casas soltas no descampado, os jegues tristes

passando pastando brotando do chão, o gado magro, as pessoas secas e o céu muito mais perto da Terra. Era um mundo de pouquidade. O muito era o sertão. Um muito feito de silêncio do imponderável e da vastidão do firmamento que toda noite se debruça sobre tudo, aquieta os medos desembrutece os corações fecunda o solo e dá à vida das gentes uma doçura mínima suficiente essencial.

Como bicho que volta, instintivamente, para o pasto, lá estava ele, em casa.

Ao desembarcar, esqueceu de propósito o pote de chicletes no ônibus. A precisão dele ficou no caminho. Junto com Jenifer. Tudo já poeira. ■